

Software livre e reintegracionismo

José Ramom Flores d'as Seixas

19 de Agosto de 2007

1 Introduçom

O MDL tivo a amabilidade de me convidar a umha mesa redonda, *Estamos na net*, dentro das jornadas [Conhece o teu mundo](#), onde falei da minha experiéncia vital em relação ao reintegracionismo e as tecnologias da comunicação, e tendo em conta os companheiros de mesa, centrei-me num tema caro para mim: o [software livre](#). Esta charla levou-me a reflexionar sobre as semelhanças e diferenças entre a Comunidade de Software Livre (CSL) e o movimento reintegracionista (MR), e no que o reintegracionismo poderia aprender da experiência da CSL.

O MR tem produzido muitos documentos sobre questões lingüísticas, mas muito poucos sobre questões táticas e estratégicas, sobre como fazer chegar as suas mensagens à população galega. Neste artigo aproveito o exemplo da CSL para meter-me em farinha, tática polo momento.

2 Semelhanças

Se bem com raízes mais antigas, pode considerar-se que a CSL [nace](#) trás a publicação dum [manifesto](#) por Richard Stallman em 1983, revelando-se contra o espírito anti-social que impom o [software proprietário](#) aos utilizadores: se cumpres as licenças proprietárias nom podes compartir o teu software com o teu próximo, e se ignorares tais licenças e compartires estás a infringir a lei. Nom há portanto possibilidade lógica, empregando software proprietário, de ser um bom cidadão: respeitante da lei e solidário. Em contraste as licenças livres nom só permitem, senom que encorajam compartires o teu software. É mais, também permitem adaptares o software às tuas necessidades, e contribuir as tuas melhoras à comunidade. Favorecendo desta maneira o aparecimento e crescimento dum movimento comunitário, que a revelia do pensamento dominante, tem-se alastrado por todo o planeta demonstrando empiricamente que os seres humanos nom somos tam egoístas como a ideologia capitalista nos quer fazer crer. Primeiro ignorada, logo ridiculizada, mais tarde atacada feramente, e nem sempre com limpeza, a CSL é já um actor imprescindível no universo informático. Ainda nom conseguiu o sonho dos mais ousados: a dominação mundial, mas já tem umha quota de mercado importante em vários entornos, e o seu sucesso resulta inegável.

O reintegracionismo é umha constante no galeguismo, polo menos desde Sarmiento, mas que eu conheça nom aparecem organizações reintegracionistas até o ano 1981. Trás uns primeiros anos muito combativos, houvo umha cansaço geral, que fizo temer a extinçom, mas desde há alguns anos observa-se umha franca recuperaçom.

Ainda que num princípio podam parecer muito diferentes, eu acho algunhas semelhanças importantes entre os dous movimentos:

1. Ambos movimentos têm umha ideia base frutuosa, cada um a sua, mas partem dumha posição fraca, tendo que enfrentar umha ideologia naturalizada na população com um forte apoio político ou económico.

2. Em ambos casos a Internet joga um papel muito importante. Na CSL a rede é o meio fundamental de difusão, sendo também imprescindível para o trabalho dos distintos grupos que elaboram software, documentação, etc. No MR a rede permitiu o (re)encontro dos reintegracionistas, na Galiza e na diáspora, e o acesso fácil à lusofonia.
3. Por último, ambos movimentos são plurais, com metas ideológicas nem sempre coincidentes, mas compatíveis.

3 Que pode aprender o movimento reintegracionista da CSL

Num princípio a CSL era muito reduzida, e composta por pessoas com boa preparação informática. Este núcleo permitiu-lhe criar o seu produto básico: uns programas de boa qualidade, mas para poder expandir-se logo viriam precisar algo mais: um bom sistema de propaganda. Sem muitos dinheiros, mas mestres no uso da Internet, baseada principalmente em software livre, artelham um sistema muito efectivo que permitiu a expansão da comunidade. Evidentemente há notáveis diferenças entre o MR e a CSL, que repercutem logicamente nos seus sistemas de propaganda, mas há alguns aspectos do sistema da CSL, que ao meu ver têm interesse para o MR.

3.1 Documentação acessível

Já nos inícios o núcleo seminal da CSL, o projecto [GNU](#), começou com a divulgação da filosofia do software livre, nuns documentos escritos numa linguagem clara e precisa, com um formato que facilita a leitura numa tela, e aos que se chega com facilidade desde a página inicial do seu site. A CSL tem gerado muitos outros documentos, mas é geral à maioria deles o seu interesse por chegar ao público nem iniciado com uma linguagem clara e atraente.

Cada ano milhares de rapazes galegos recebem nas escolas e institutos a versão oficial da questão da língua. De maneira que a dita versão faz-se cada vez mais "natural" para a sociedade galega. Para poder contrarrestar isto o reintegracionismo precisa, entre outras coisas, ter uma boa documentação, dirigida a um público geral, e de fácil acesso. Isto, hoje em dia, significa que deve estar acessível na Internet. Porém, um neófito interessado em conhecer a proposta reintegracionista, vai ter que fazer um esforço inicial elevado, e a maioria desiste. Assim se um entrar no [Portal Galego da Língua](#) vai ter que se mergulhar nas suas páginas, até achar respostas a questões básicas sobre os ques e os porquês do reintegracionismo. No site do [MDL](#) é mais fácil aceder à informação, mas é muito escassa. A impressão que deve tirar alguém alheio ao reintegracionismo é o MR nem estar interessado em se expandir, contento ou resignado na sua situação minoritária.

Um dos problemas que tem qualquer comunidade em expansão é a ignorância lógica dos recém chegados, ou dos possíveis novos membros. Para contestar cumpridamente as dúvidas dos neófitos, sem esgotar a paciência dos veteranos, inventaram-se as FAQs¹, respostas a perguntas frequentes. Nem sei se foi na CSL onde se inventaram as FAQs, mas desde logo nela tiram-se-lhe muito proveito. Na minha opinião o MR precisa também elaborar as suas FAQs, onde se contestem perguntas básicas do ideário reintegracionista, os ques e os porquês, mas também onde se forneçam informações que facilitem a vida do novo reintegracionista; onde conseguir um corrector ortográfico, onde baixar um filme dublado ao português, etc.

3.2 Evangelização

Ter uma boa documentação é algo básico, mas é necessário algo mais para poder difundir qualquer ideário. Nem tendo a sua disposição meios económicos, nem muitos amigos nos media tradicionais,

¹FAQ = Frequently Answered Questions.

a CSL utilizou primeiramente os foros internáuticos, além disto criou jornais e magazines próprios, finalmente foi capaz de penetrar nos media tradicionais. Em comparaçom com o MR a CSL é hoje em dia umha comunidade enorme, capaz de gerar anualmente vários congressos internacionais e inúmeros encontros locais. Mas os começos nom fôrom fáceis.

Na procura de expandir a comunidade, a CSL encorajou e orientou as actividades de "evangelizaçom"², aplicando umha mistura de técnicas de marketing e bom senso. Num princípio a maior parte desta actividade levou-se a cabo nos foros internéticos, proclives como é bem sabido a discussões tumultuosas e improdutivas. Para tirar o máximo partido destes foros a CSL procurou aplicar as técnicas ajeitadas, e difundi-las entre os seus "missionários", um bom exemplo disto é o documento *Defendendo o Linux*³. Dele saliento os seguintes pontos, que acho perfeitamente válidos para o MR:

- Cumpre ter boas maneiras, nom insultar, nom desconceituar, nom abusar do sarcasmo. A quem defende umha ideia nova interessa-lhe o debate civilizado, o intercâmbio de opiniões e dados. Se um debate degenerar numha discussom inçada de insultos e sarcasmos, o ruído amortece a mensagem e as velhas ideias prevalecem incontestadas. Portanto as discussões agres e insultuosas som do interesse do Status Quo, e isso deve ficar bem claro para os defensores das novas ideias. É mais, é do interesse do novo ideário que o público em geral chegue a mesma conclusom, nesse caso as novas ideias podem enfrentar-se as velhas em condições de igualdade.
- Fazer finca-pé em ajudar. Quando alguém pede ajuda, ainda que a resposta seja trivial, deve receber ajuda, nom desqualificações. Alguém que recebe ajuda é um potencial "converso", alguém que recebe desqualificações é um potencial inimigo. Além disto umha comunidade prestes a ajudar vai ter sempre melhor imagem externa, e interna.
- Salientar as histórias de sucesso, isto dá umha imagem positiva, tanto externa como interna, do movimento. No caso galego, tam proclives como somos ver o copo meio valeiro, isto é algo imprescindível. Qual som as histórias de sucesso do reintegracionismo?, inúmeras. É bem sabido que os reintegracionistas temos a nossa disposiçom um grande número de livros em português, que podemos recepcionar umhas quantas televisões na nossa língua, que podemos escutar muitas rádios lusófonas via Internet, etc. Dito assi, em geral causa um certo efeito, mas se falamos de exemplos particulares (recensões de livros, comentários sobre programas de TV, comentários sobre filmes,...), dumha maneira natural e continua, o efeito é outro.

Som ciente de que cada um destes pontos nom som em si umha grande novidade, é a aplicaçom sistemática destes pontos o que faz a diferença. Na minha opiniom, a par dumha documentaçom acessível sobre a proposta reintegracionista, seria bom contarmos com algum documento sobre as tácticas a usar nos foros da rede, ou noutros.

3.3 Pragmatismo

Afeito aos movimentos político-sociais galegos, sobejo discursivos, surpreendeu-me bastante o pragmatismo da CSL, sempre procurando a soluçom mais efectiva. Aproveito para esclarecer que entendo por pragmatismo algo distinto do que possibilismo. O possibilismo diz: por agora nom é possível fazer mais, e senta-se a esperar que a situaçom mude, como quem espera a que escampe. O pragmatismo explora múltiplos caminhos, desistindo dos esgrevios sem se deixar paralisar por apriorismos, até descobrir algum que lhe leve a meta, quanto mais fácil melhor.

Comento alguns dos modos de agir da CSL nos que se pom de manifesto o seu pragmatismo:

²Em inglês é usual chamar "evangelist" a um propagandista do software livre.

³Este é um documento bastante antigo, se bem sega sendo válido, existindo alguns mais novos em inglês, mas sem versom na nossa língua. Em todo caso já há anos que os foros de Internet deixárom de ser o meio de propaganda principal da CSL.

3.3.1 A democracia assimétrica.

Num grupo de trabalho voluntário há sempre quem trabalhe mais e quem trabalhe menos, ou nada. E para que o grupo funcione não podem ter a mesma capacidade de decisão os que trabalham que os que não. Se se aplicar a regra 1 pessoa = 1 voto, acabará por ocorrer os que trabalham não estarem de acordo com alguma decisão e deixarem de trabalhar, sem que ninguém os substitua, e desta maneira ficará o projecto parado.

Não é que a CSL tenha descoberto que a melhor maneira de tomar decisões num grupo de voluntários é a democracia assimétrica⁴, mas em vez de uma assunção tácita, como é usual, assume-o explicitamente. De maneira que os dirigentes-trabalhadores dum projecto não têm remorsos ao agir desta maneira, e todo o mundo tem claro que a capacidade de decisão vai unida ao trabalho realizado. Não significa isto que não se escutem as opiniões dos menos trabalhadores, mesmo dos simples usuários, mas não se lhes dá o mesmo valor.

3.3.2 Resolução de conflitos por competição.

Mesmo dentro do núcleo dos mais trabalhadores podem surgir divergências consideráveis. Na vez de digladiar-se infrutuosamente, a CSL achou uma solução mais eficiente: a competição. Se num projecto há dois grupos de pessoas com opiniões enfrentadas sobre o que fazer, visto que não se pode chegar a um consenso, passa-se a abrir duas linhas de trabalho paralelas, bem como duas pólas dum mesmo projecto, bem como dois projectos diferentes. Os dois grupos de trabalho competirão⁵, tentando atrair programadores e usuários, e poderá ocorrer que um dos grupos persista e outro desista, ou que os dois persistam⁶. Em todo caso as rupturas não adoitam ser traumáticas, e a colaboração posterior é possível. A generalização do divórcio por acordo frente ao divórcio traumático, usual noutros ambientes de trabalho voluntário, é a novidade principal neste terreno da CSL e permite que as energias se utilizem preferentemente no trabalho, e não em áreas polémicas.

3.3.3 Continuidade no trabalho.

Quando há muito por fazer é bastante natural tentar abranger mais do que um dá feito. Durante um certo período de tempo um pode esforçar-se, mas acaba por cansar, não sendo raro que então cesse toda actividade de voluntariado. Na CSL tem muito claro ser preferível o trabalho constante e sustentável, que os estoupidos de actividade não continuados.

Falando de trabalho voluntário, é possível manter um labor durante anos sempre e quando se cumprem as seguintes condições:

1. o tempo que precisa um dado trabalho deve ser compatível com o resto do horário da pessoa.
2. cada pessoa deve trabalhar em algo que lhe seja útil, ou lhe produza uma especial satisfação.

3.3.4 Petar a todas as portas.

Durante anos os programas livres que existiam corriam em plataformas livres tipo Unix⁷, mas hoje em dia há bastantes programas livres para MS-Windows. Esta mudança gerou algumas discussões na CSL,

⁴Há outra maneira de gerir um projecto dentro da CSL: o ditador benevolente, ou seja o chefe do projecto escuta as opiniões dos demais, mas é ele quem toma as decisões. Não é contudo o método mais usual, e faz falta um líder com umas características muito especiais para que funcione correctamente.

⁵Como estamos a falar de software livre, ambos grupos podem utilizar o trabalho feito em conjunto até o momento, introduzindo logicamente cada um as melhoras e modificações que considere pertinentes.

⁶Não sei de nenhum caso que ambos contendentes desistam em plena competição, mas evidentemente é uma possibilidade factível.

⁷Gnu/Linux, FreeBSD, OpenBSD e NetBSD.

já que bastante gente opinava que isso legitimava o MS-Windows, e atrasava a adopção maciça dos sistemas operativos livres. Porém finalmente se generalizou a prática de elaborar programas livres com versões para MS-Windows, o que permite que muita gente possa entrar em contacto com o software livre dumha maneira gradual. Assi hoje em dia programas livres como Firefox ou OpenOffice têm mais usuários na plataforma MS-Windows que nas várias plataformas livres.

O equivalente no MR neste caso é o uso do galego-mini para a defesa das ideias reintegracionistas. É surpreendente que o MR, que parte dumha visom utilitária da língua, o galego-maxi é mais útil que o galego-mini, logo na sua prática seja tam pouco pragmático nesta matéria, ao ponto de atacar ferozmente a quem ousa defender as ideias reintegracionistas utilizando umha ortografia nom reintegracionista. Entendo que nos inícios do reintegracionismo organizado fosse bom esforçar-se em usar sempre a grafia histórica, para assentá-la e demonstrar na prática a viabilidade da proposta reintegracionista. Mas hoje em dia já há milheiros de páginas escritas por galegos em galego-maxi, e a viabilidade está pois mais que demonstrada. Seguir a autolimitar-nos, negar-nos a utilizar nalguns casos o galego-mini, é na minha opinião algo desnecessário e contraproducente, pois limita significativamente o nosso público alvo.

Quero esclarecer que com isso nom defendo o uso sistemático do galego-mini, defendo o seu uso SÓ para a difusom e defesa do ideário reintegracionista. É mais poderia limitar-se unicamente a ter versões em galego-mini (mínimos ou RAG-ILG) dalguns documentos onde se explicara, aos neófitos, a nossa visom da língua e do conflito lingüístico. Seria bom também termos versões em castelhano, e como nom, algumha documentaçom em inglês, como umha apresentaçom do reintegracionismo ao mundo.

Evidentemente, para todo o que nom seja isto, para a nossa vida interna, para falar qualquer outro tema, deve-se utilizar bom português, principalmente por que é mais cómodo⁸, e em segundo lugar para seguir a demonstrar que o reintegracionismo nom é um sonho, senom umha realidade.

4 Diferenças

Há também diferenças notáveis entre a CSL e o MR, algumas muito óbvias, já que umha cousa é o software e outra a língua. Mas há outras, nom tam evidentes, mas importantes, que por esclarecedoras vale a pena falar um pouco delas.

4.1 O conflito

O software livre tem basicamente 1 inimigo, o software proprietário. Neste senso a suas opções estratégicas som bastante claras, derrotá-lo ou quando menos conquistar um “território” confortável.

O movimento reintegracionista nom tem umhas opções tam claras, já que tem um concorrente, o isolacionismo, e um inimigo, o espanholismo. Às vezes, no fragor da batalha, um perde a perspectiva, mas convém lembrá-lo.

4.2 Aliados

A CSL desenvolveu um modelo de negócio alternativo, o que lhe permitiu incorporar empresas no seu seio. Sendo este um factor fundamental que permite explicar o seu êxito. E contudo esclarecedor relatar como foi a incorporaçom das empresas à CSL; num primeiro lugar surgírom pequenas empresas no seio da comunidade, algumas das quais fôrom crescendo até ter um tamanho considerável⁹, e já quando o modelo de negócio estava suficientemente experimentado unírom-se outras empresas provenientes do mundo proprietário, algumas delas multinacionais muito potentes¹⁰. Sem estas incorporaçôes a CSL

⁸Umha vez que um se afaz a utilizar umha norma reintegracionista, resulta incómodo utilizar outra norma qualquer.

⁹Por exemplo Red Hat, Suse ou Mandriva.

¹⁰Por exemplo IBM, Novel ou Sun.

nom seria o que é, mas tais incorporações nom se dérom até a viabilidade do modelo de negócio estar bem estabelecida.

O movimento reintegracionista nom tem que lidar principalmente com empresas, mas com instituições do mais diverso. Mas, como já tem comprovado na sua história, os apoios externos só virám quando seja forte o suficiente. Queiramo-lo ou nom, o problema da língua portuguesa na Galiza é um problema dos galegos, e a lusofonia nom vai ajudar-nos até termos umha presença importante na sociedade. Isto nom tinha por que ser assi, mais assi é.